

Embrapa publica na internet informações para produção de qualidade

Uva de mesa no Semiárido

O passo a passo do plantio da uva de mesa nas condições irrigadas do Semiárido brasileiro já pode ser acessado livremente na página eletrônica da Agência Embrapa de Informação Tecnológica (Ageitec). As informações, em detalhes e didáticas, estão organizadas numa estrutura digital conhecida como “Árvore do Conhecimento”, onde os assuntos ficam distribuídos como “ramos” e “nós”, de forma a permitir que agricultor, técnico, estudante ou investidor se inteirem das fases de pré-produção, produção e pós-produção de uvas de mesa.

A grande quantidade de dados e de materiais técnico-científicos “pendurada” nessa árvore está organizada de maneira muito fácil. Cada assunto ou tema pode ser visualizado rapidamente. Também é apresentado em detalhes, com recursos visuais e a indicação de outras fontes de informações disponíveis para baixar gratuitamente.

O conteúdo da árvore do conhecimento abrange toda a cadeia produtiva dessa fruta: dos requerimentos necessários à implantação de um parreiral até as etapas que ocorrem fora da propriedade e são relacionados a exigências de qualidade pelos mercados interno e externo. Nele, há um itinerário de ações e estratégias de uso racional de insumos e de recursos que repercutem na elevação da produtividade da videira e garantia da qualidade dos frutos.

O cultivo de uvas para consumo in natura é uma atividade diferenciada, que se caracteriza por práticas agrícolas específicas e pelo cuidado no manuseio das plantas. Por isso, requer equipe técnica capacitada e atenta às inovações aplicadas à cultura.

Um dos principais focos dessa inovação é a qualidade. Ela que posiciona



os produtores no mercado e complementa o atendimento aos requisitos básicos de ganhos de produtividade coerentes com a expectativa mínima de rentabilidade e com o uso racional dos recursos naturais, destaca a pesquisadora Maria Auxiliadora Coelho de Lima, que é Chefe Adjunta de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Semiárido e coordenou os trabalhos de elaboração da Árvore do Conhecimento da Uva de Mesa.

No Brasil, várias cultivares dos tipos labrusca e uvas finas são produzidas e comercializadas. Em se tratando de uvas finas, os principais polos de cultivo do País estão localizados nas regiões de Marialva (PR), São Miguel Arcanjo (SP), e Jales (SP), e do Submédio do Vale do São Francisco, que compreende municípios dos estados de Pernambuco e da Bahia.

Nesta área do Semiárido nordestino, o ambiente quente e seco e o recurso do plantio sob irrigação tornaram necessário

o aporte tecnológico que permitiu o reconhecimento da qualidade dessas uvas e a conquista de consumidores cativos não apenas ao mercado interno, mas também ao externo.

O acesso à página da Ageitec apoia os produtores e técnicos na tomada de decisões e orienta a adoção de práticas e aplicação de insumos mais adequados. “Isto é fundamental para prevenir erros na instalação da área ou no manejo das plantas e das uvas que repercutam em perdas e dificuldades de comercialização”, afirma Maria Auxiliadora.

A Árvore do Conhecimento da Uva de Mesa também contempla informações sobre instalações, máquinas, mercados, dentre outras, que são básicas para imprimir maior competitividade a este segmento produtivo. As tecnologias apresentadas estão focadas na eficiência produtiva, na redução de impactos ambientais e na qualidade da fruta.

A Arvore está disponível para livre acesso no endereço:

http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/uva_de_mesa/Abertura.html

Pedro Gama assume Chefia Geral da Embrapa Semiárido



«O grande desafio à pesquisa agropecuária é como contribuir para o desenvolvimento do Semiárido brasileiro considerando sua heterogeneidade estrutural e esses cenários de adversidades que colocam em risco a produção agropecuária e impedem a inclusão econômica e social de grande parte da população rural».



Unidade articula agenda de pesquisa de longo prazo
pág. 3

Estudo fortalece a cadeia produtiva de pescado no lago de Sobradinho
pág. 7



Tudo sobre videira «plantada» em um só lugar
pág. 8

Pesquisa Desenvolvimento

Investimentos modernizam laboratórios

Os investimentos na modernização da infraestrutura dos laboratórios ampliaram a capacidade de pesquisa da Unidade. Nos últimos 5 anos, mais de 15 milhões de reais foram investidos na aquisição de equipamentos e máquinas que permitiram melhorar a qualidade dos resultados nos projetos aprovados pela equipe técnica.

De acordo com o pesquisador Nataniel Franklin de Melo, que exerceu a função de Chefe Geral de 2008 a 2013, eles também se mostraram importantes porque “aumentou a competitividade da Embrapa Semiárido para assumir funções de coordenação e de participação em projetos que demandam coleta e análise de dados mais precisos e sofisticados”.

Dentre os equipamentos adquiridos estão os sistemas de cromatografia de alta eficiência (Cromatógrafos líquido e gasoso), IRGA, Termociclador em Tempo Real, Analisador de Carbono e Hidrogênio, Espectrofotômetro, Analisador Enológico Automático, Estações Meteorológicas, além de Capelas, Microscópios, Fornos e Ultrafreezers.

A disponibilidade de um Espectrômetro de Absorção Atômica com Forno de Grafite, tornou possível realizar análises

com grande precisão em amostras de solo e de plantas para detectar a incidência de metais pesados, mesmo em concentrações muito baixas. Para Magnus Dall Igna Deon, pesquisador responsável pelo Laboratório de Solos, este equipamento de alta sensibilidade reforça a atuação da Unidade em projetos que investigam, por exemplo, casos de contaminação ambiental.

Com outro equipamento, Reação em Cadeia da Polimerase em Tempo Real (RT PCR, em inglês), podem ser intensificados os estudos de diversidade genética de plantas e de micro-organismos, permitindo aumentar o nível de precisão da expressão de genes envolvidos na resistência ao estresse hídrico.

Além disso, foram destinados recursos para a reforma de praticamente todos os laboratórios, substituição de gerador e do transformador de energia elétrica, cabeamento e equipamentos de informática, casas de vegetação, bases de apoio nos campos experimentais, rede de esgoto, banheiros, blocos administrativos, abastecimento de água, pavimentação alfáltica dos acessos da sede, além da aquisição de tratores, implementos, veículos, e da nova central telefônica.

Expediente

Jornal do Semiárido é uma publicação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Chefe-Geral

Pedro Carlos Gama da Silva

Chefe Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento

Maria Auxiliadora Coelho Lima

Chefe Adjunto de Transferência de Tecnologia

Sergio Guilherme de Azevedo

Chefe Adjunto de Administração

Rebert Coelho Correia

Núcleo de Comunicação Organizacional

Jose Nilton Moreira

Redação/Edição

Marcelino Ribeiro (MTb/BA 1127)
marcelino.ribeiro@embrapa.br

Fernanda Birolo (MTb/AC 81)
fernanda.birolo@embrapa.br

Luna Layse Almeida da Silva
Estagiária

Revisão

Gilberto de Souza Pires
Luna Layse Almeida da Silva

Fotos:

Marcelino Ribeiro
Fernanda Birolo

Projeto Gráfico/Diagramação

Paulo Pereira da Silva Filho
José Cletis Bezerra

Embrapa Semiárido
BR 428 - Km 152 - Zona Rural
Caixa Postal: 23
CEP: 56302-970 - Petrolina - PE - Brasil
Fone: (87) 3866-3600
Fax: (87) 3866-3815
www.cpsa.embrapa.br

Tiragem: 1.000 exemplares

Embrapa

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Estudo reúne informações para planejar o desenvolvimento da piscicultura no Lago de Sobradinho

As alterações no leito e a pesca excessiva têm diminuído, ano a ano, a população de espécies tradicionais (surubim, cari, dourado, pacamã, piaú e curimatã) no rio São Francisco. Em sentido contrário, a demanda dos consumidores cresce de maneira contínua. É uma situação que ameaça privar milhares de famílias ribeirinhas da principal fonte de alimento e de renda.

A Embrapa Semiárido e a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) atuam para firmar essa atividade como um negócio sustentável em escala familiar e empresarial. Com este objetivo que patrocinaram a realização do “Estudo da Cadeia Produtiva do Pescado no Entorno do Lago de Sobradinho”. O documento final apresenta o contexto socioeconômico da atividade nos municípios baianos de Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado, Sobradinho e Sento Sé, identifica problemas e entraves tecnológicos, e fatores que limitam a pesca. Por fim, propõe um conjunto de ações capazes de orientar investimentos e fortalecer a economia regional.

Este é um estudo pioneiro, fruto de dois workshops, que tiveram a participação da Colônia e Associação de Pescadores, das prefeituras municipais, Bahia Pesca, Chesf, Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), Embrapa e Universidade Federal de Santa Maria (RS), e o apoio do Fórum de Desenvolvimento Regional Sustentável do Lago Sobradinho, explica o pesquisador Rebert Coelho Correia.

Tradicionalmente, afirma, a pesquisa tem concentrado as suas ações na melhoria dos sistemas de cultivo e de criação, ou seja, em atividades “dentro da porteira”. Mais recentemente, se passou a dar ênfase aos sistemas de produção, com a pesquisa começando e terminando nas propriedades agrícolas.

“O estudo que realizamos tem uma abrangência maior: reunimos grande quantidade de informações, ouvimos

atores variados que atuam nesse negócio, e organizamos os dados e opiniões sob o enfoque de cadeia produtiva, onde o processo começa no fornecimento dos insumos para o sistema produtivo e termina no consumidor final”, explica Rebert Correia.

Para ele, a pesca de surubim e de outros pescados é atividade relevante para a região. Do mesmo modo está se tornando a produção de tilápias em tanques-rede. O “Estudo”, portanto, é um passo que se dá no sentido de estruturar instrumentos e informações que orientem a tomada de decisão dos agentes públicos e privados.

O engenheiro de pesca Rodolfo Cavalcante, que integrou a equipe coordenadora da elaboração desse documento, afirma ter sido um dos objetivos, no caso da piscicultura, a montagem do custo de produção para avaliar, por exemplo, quanto o pescador pode gastar na produção de 1 kg de tilápia para dimensionar o lucro a ser obtido com a venda do pescado.

Esta é uma informação importante porque os dados do relatório demonstram que a maioria das associações de pesca

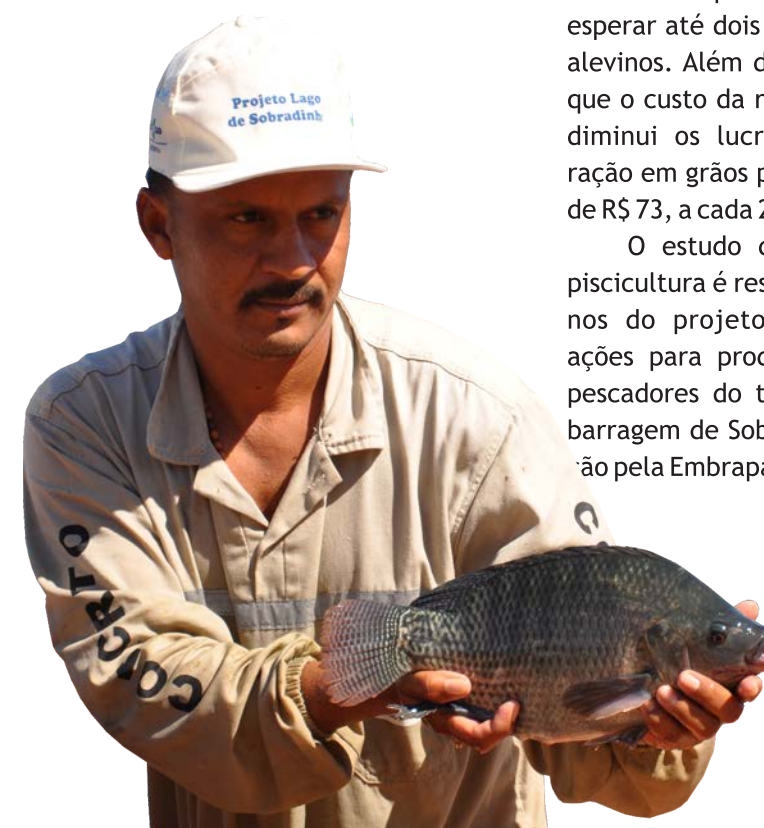
ainda depende de atravessadores para comprar equipamentos e insumos. Para que a pesca se torne uma atividade econômica mais significativa para a região é necessário que haja “engajamento entre as instituições e associações de pesca para capacitar ainda mais os produtores e estruturar o planejamento e a gestão financeira do setor”, afirmou o engenheiro Rodolfo Cavalcante.

Uma informação que consta no Estudo dá uma idéia do potencial de crescimento da pesca e da piscicultura nos municípios Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado, Sobradinho e Sento Sé. Apenas no Semiárido a demanda pelo consumo de peixe é estimada em 25 mil toneladas/ano. Os pescadores e empreendedores do Lago de Sobradinho, porém, só conseguem produzir apenas 20% dessa quantidade (5 mil toneladas/ano, em média).

Albaneide Santos, da Associação dos Criadores de Peixes de Sobradinho (Acripeixes), confirma que a produção além de ser insuficiente para atender o mercado, ainda depende da aquisição de alevinos na cidade de Itacuruba (PE), distante 360 km de Sobradinho.

Segundo ela, por causa de problemas com o transporte, a associação chega a esperar até dois meses pela chegada dos alevinos. Além disso, ela declarou ainda que o custo da ração dos peixes é alto e diminui os lucros dos piscicultores. A ração em grãos para alevinos chega a ser de R\$ 73, a cada 25 kg.

O estudo da cadeia produtiva da piscicultura é resultado de um dos 14 planos do projeto “Desenvolvimento de ações para produtores agropecuários e pescadores do território do entorno da barragem de Sobradinho-Ba”, em execução pela Embrapa e a Chesf.



Abelhas e sustentabilidade agrícola

Polinização de abelhas na produtividade do melão

Cultivos de melão quando bem polinizados por abelhas não apenas são mais produtivos como apresentam frutos de melhor qualidade. Portanto, o manejo desses insetos nas áreas de plantio é fundamental para tornar mais competitivo o negócio agrícola dessa cultura que é uma das mais exportadas pelo Brasil.

Estas são algumas das conclusões de estudo realizado por pesquisadores e professores de Unidades da Embrapa, de universidades federais e estaduais, vinculados à Rede de Pesquisa de Polinizadores do Meloeiro (REPMEL), nos principais polos de produção nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia.

Naturalmente, cabe às abelhas o papel quase exclusivo de polinizar as flores do meloeiro que evoluem para se transformarem em frutos. Quando a presença desses insetos está em quantidade adequada ao tamanho da área cultivada, o agricultor pode ter certeza de uma boa produção.

Contudo, quando a polinização é deficiente, a colheita chega a ser cinquenta por cento menor, explica a pesquisadora da Embrapa Semiárido Lucia Helena Piedade Kill, e que coordenou o projeto “Avaliação da eficiência dos serviços de polinização no incremento da produtividade do melão (*Cucumis melo* L. - Cucurbitaceae) no Semiárido brasileiro”.



E isto tem acontecido com frequência, principalmente por causa do emprego intensivo de insumos químicos para controle de pragas e doenças nos horários de maior frequência das abelhas no meloeiro. O odor e os altos níveis de toxicidade dos insumos não apenas afastam, como chegam a matar as abelhas durante suas visitas para coleta de néctar e pólen nas flores das plantas.

A criação de abelhas é uma das poucas atividades agropecuárias que atende aos três requisitos da sustentabilidade: o econômico, o social e o ecológico. Esta produção aumenta a renda para o apicultor/meliponicultor, ocupa mão-de-obra familiar ou contratada e contribui para a preservação da flora nativa. Além disso, incentiva o uso de boas práticas agrícolas, mantém o equilíbrio e a diversidade do ecossistema, como também promove o uso sustentável dos recursos naturais, qualidade ambiental, bem-estar animal e saúde humana.

Em 2012, o melão foi o fruto mais exportado pelo Brasil. O país comercializou para mercados como os da Espanha, Holanda e Inglaterra, cerca de 180 mil toneladas. A cadeia produtiva dessa cultura movimenta muitos negócios entre pequenos produtores.

No Submédio do Vale do rio São Francisco, onde predomina o cultivo em pequenas áreas e os frutos são comercializados no mercado interno, os polinizadores se tornam mais um fator de boa produtividade. Naturalmente, as abelhas costumam ser frequentadoras assíduas nos plantios de melão, e são importantes para que o agricultor possa obter frutos em quantidade e qualidade.

O melão é um fruto muito apreciado e de popularidade crescente no Brasil, sendo também consumido em larga escala na Europa, nos Estados Unidos e no Japão. Rico em vitaminas (A, B, B2, B5, C) e sais minerais, bem como potássio, sódio e fósforo, também apresenta propriedades medicinais, terapêuticas, diuréticas, calmantes. São características que estimulam seu consumo.

Arranjos de projetos

Embrapa Semiárido monta programação de pesquisa de longo prazo

A estratégia da Embrapa de incluir na sua programação de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I) o formato de Arranjos de Projetos teve boa acolhida na Unidade. Neste modelo, ações de investigação científica, de transferência de tecnologia e de comunicação, são articuladas para, de forma simultânea e complementar, enfocarem problemas ou temas agrícolas relevantes e que requeiram redes de parcerias, contemplando várias competências: recursos naturais, fitossanidade, nutrição de plantas, manejo de solo, irrigação, controle biológico, agregação de valor etc.

Na Embrapa Semiárido, a mobilização de chefias e equipe técnica resultou na discussão, elaboração e aprovação de seis Arranjos de Projetos voltados para atender demandas de vitivinicultura, mangicultura, diversificação de cultivos para áreas irrigadas, sistemas agrícolas dependentes de chuva, melhoramento genético de espécies forrageiras e conservação, uso e valoração da biodiversidade da Caatinga.

Ao todo, esses Arranjos abrigam nada menos que 72 projetos já em fase de execução e mais 80 novos projetos que serão operacionalizados em horizontes de tempo que variam de 6 a 15 anos. Neles, estão envolvidos mais de 250 pesquisadores e mais de 50 instituições

De acordo com a Chefe Adjunta de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Semiárido, Maria Auxiliadora Coelho de Lima, com esse tempo mais estendido para conduzir ações integradas e sujeitas

à avaliação periódica da contribuição conjunta, os pesquisadores e as instituições conseguem amenizar problemas como a descontinuidade dos projetos.

Impacto - Para ela, os seis arranjos - que, atualmente, representam 12% do total aprovado em toda a Embrapa - mantêm um equilíbrio entre as linhas de pesquisa voltadas para as áreas irrigadas e de sequeiro, esperado para um Centro de Pesquisa com as características e atuação da Embrapa Semiárido. A expectativa é de que logo comecem a aparecer os resultados. No caso das pesquisas voltadas para as espécies forrageiras, um objetivo é desenvolver, pelo menos, oito cultivares, incluindo as espécies capim buffel, capim-corrente, leucena, guandu forrageiro, estilosantes, melancia forrageira, palma forrageira e pornunça.

Para os segmentos de uvas de mesa, de suco e de vinho, uma das metas é adaptar novas cultivares de uvas de mesa no Vale do São Francisco e que, ao menos uma delas, com as características seguintes, possa ser recomendada: produtividade igual ou superior à das exploradas comercialmente, duas colheitas por ano, resistente a rachamento de bagas e menos exigente em tratamentos culturais. O foco na qualidade do produto final, seja para consumo fresco seja para elaboração de vinhos e sucos, também orienta iniciativas para essa atividade.

A contribuição dos novos projetos para a mangicultura focará ações que permitam ganhos de produtividade e de qualidade, com ampliação da base gené-

tica e atendimento às demandas e tendências de mercado, pautados em menores custos econômicos e ambientais.

Na região que possui o maior percentual de pequenos estabelecimentos rurais de todo o país, os projetos vão buscar fortalecer os sistemas agrícolas familiares praticados em condições de sequeiro. Está prevista a geração de alternativas tecnológicas de captação de água de chuva integradas a cultivos mais adaptados ao regime hídrico vigente, bem como a recomendação de cultivares de ciclo curto e tolerantes a estresses hídricos e a altas temperaturas como feijão-caupi, sorgo, milho e guandu.

O estudo da biodiversidade da Caatinga considera que, a despeito do bioma ser único entre os ecossistemas brasileiros, não é suficiente para garantir sua conservação e hoje é um dos mais alterados e carente de estratégias de conservação. Contudo, suas espécies, de diferentes potenciais, são alternativas para o desenvolvimento da região, servindo como fonte alimentar, ornamental, madeireira, apícola, compostos para indústrias de cosméticos, medicinal, de mecanismos de resistência a estresses abióticos, para recuperação de ambientes degradados, além do uso de micro-organismos de potencial agrícola e de abelhas sem ferrão para a meliponicultura.

O compromisso com o desenvolvimento regional também passa pela diversificação da atividade agrícola. Essa perspectiva está contemplada em um dos Arranjos de Projetos que considera não apenas o aumento do número de culturas disponibilizado aos produtores, mediante a introdução de novas espécies, mas, também às tecnologias que fortaleçam o sistema de produção de espécies já cultivadas, incrementando a atividade.

Parcerias - Acrescenta-se a esse conjunto de ações, a contribuição e compromisso da Embrapa Semiárido para a implementação e a execução de outros sete Arranjos de Projetos liderados por outras Unidades da Embrapa.



Novo Chefe Geral

Pedro Carlos Gama da Silva defende "salto de qualidade" na pesquisa agronômica e tecnológica

1) A região está saindo da pior seca dos últimos 50 anos. Que lição ela deixa para a sociedade civil e para o poder público?

PG - A longa estiagem que se estabeleceu em todo Semiárido brasileiro nos últimos três anos expôs, com maior intensidade, as fragilidades da sustentabilidade de quase todos os arranjos produtivos, inclusive os sistemas agrícolas irrigados, que se mantêm a partir dos pequenos e médios mananciais. As estratégias de convivência com a seca são, antes de tudo, preventivas. Uma vez o fenômeno instalado, as alternativas para o seu enfretamento são limitadas e as ações convencionalmente adotadas para promover melhoria dos processos produtivos agropecuários em condições de seca extrema são pouco eficazes para amenizar os seus efeitos. O principal ensinamento dessa seca é a indicação clara da necessidade de uma política efetiva de convivência com as secas, com ações estruturantes e permanentes para região, em vez das ações de emergências que são sempre adotadas.

Mesmo as políticas sociais estruturadas no aparelho do Estado, por meio de ações e programas, para garantia dos direitos sociais previstos no ordenamento constitucional e para combate a fome e a pobreza, como a previdência social, o Bolsa Família, entre outros, que vêm cumprindo um papel amortecedor da crise econômica e social decorrente da seca, não têm sido capazes de reverter a situação de insegurança das famílias frente às dificuldades financeiras decorrentes da crise de produção e, também, de segurança alimentar.

2) As mudanças climáticas devem, no futuro, potencializar a intensidade das secas. O que é preciso fazer agora para mitigar seus efeitos?

PG - Estudos recentes, coordenados pelo Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas, sobre as projeções dos impactos do aquecimento global revelam que haverá elevação nas temperaturas do país no decorrer do século e redução das chuvas no Nordeste, com secas mais prolongadas no Semiárido. Caso esse cenário se confirme, tais mudanças podem acentuar o processo de desertificação em grande parte da região. Esses fenômenos climáticos poderão implicar em deslocamento das explorações agropecuárias para outras regiões de clima mais ameno. A redução da disponibilidade hídrica poderá restringir a expansão da irrigação e comprometer a produção de alimentos e a segurança alimentar da população e dos animais.

O grande desafio à pesquisa agropecuária é como contribuir para o desenvolvimento do Semiárido brasileiro considerando sua heterogeneidade estrutural e esses cenários de adversidades que colocam em risco a produção agropecuária e impedem a inclusão econômica e social de grande parte da população rural. A agenda da pesquisa agronômica e tecnológica atual demanda um salto de qualidade, mantendo e consolidando as conquistas anteriores, mas, igualmente, incentivando esforços para inovações tecnológicas mais avançadas que possam garantir a sustentabilidade da produção agropecuária do Semiárido nas próximas décadas.

Para responder a esses desafios, as instituições de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I) dependerão da integração de diversos campos científicos e tecnológicos. Entretanto, nenhuma delas tem todas as competências para prover, de forma isolada e autossuficiente, as soluções que a região demanda para o futuro.

3) Considerando o conhecimento, as tecnologias, as experiências da ONG's, que futuro se deve construir para o Semiárido?

PG - O futuro da inovação agropecuária para o Semiárido deve ser alavancado a partir de novos arranjos institucionais, mediante a construção de parcerias e cooperação científica nacional e internacional, que são imprescindíveis para maior eficiência e competitividade. As oportunidades de cooperação científica internacional abrem possibilidades de aperfeiçoamento e atualização permanentes do conhecimento, bem como de compartilhamento de resultados com instituições referenciais de várias partes do mundo.

Serão necessárias iniciativas institucionais orientadas e definidas a partir do conhecimento detalhado das fragilidades atuais e do reconhecimento das oportunidades de interação com organizações nacionais e internacionais renomadas, em áreas estratégicas, a fim de potencializar as oportunidades associadas ao intercâmbio tecnológico e científico.

Parte relevante destas oportunidades relaciona-se aos temas: mudanças climáticas; recursos hídricos; biomassa; segurança alimentar; pegadas ambientais; genética e genômica; agroflorestal, entre outros. Estes temas foram identificados em estudos de prospecção conduzidos pelas principais ICTs mundiais e antecipam direções estratégicas que impactarão a agricultura.

4) A convivência com o Semiárido é muito relacionada a agricultura familiar nas áreas dependentes de chuvas. Onde ela se integra as alternativas agrícolas com base na irrigação?

PG - A promoção da inserção econômica e social da agropecuária de pequeno e médio porte nas áreas dependentes de chuva pode ser incrementada pelas possibilidades de integração entre as áreas de sequeiro com os perímetros irrigados. O fortalecimento dos fluxos insumos, produtos, mão de obra, entre outros recursos já existentes podem gerar oportunidades econômica e promover a inserção de grupos sociais localizados nas franjas dos perímetros irrigados, como as mulheres e jovens. As estratégias de intensificação da agropecuária de sequeiro pela integração com as áreas irrigadas como a criação de pulmões verdes, o confinamento de animais, processamento podem agregar de valor aos produtos de ambas as agriculturas (sequeiro e irrigada), criando oportunidades de geração de renda e ocupação para população rural.

5) A frente da chefia da Unidade quais são as estratégias de gestão de P&D da Unidade?

PG - Dar continuidade ao legado de pesquisa da Unidade, que consolidou as bases tecnológicas para uma agricultura irrigada em condições de Semiárido tropical assim como imprimiu o conceito "convivência com o Semiárido" com aporte de técnicas e tecnologias para o fortalecimento dos sistemas produtivos em áreas dependentes de chuvas. Mas, precisamos dar um salto qualitativo para (outra) modernização da agricultura baseada na realidade dos ecossistemas Semiáridos (riscos climáticos, ambientais e econômicos, déficit hídrico, entre outros condicionantes) em busca de um novo padrão de inovações tecnológicas com o desenvolvimento de pesquisas calcadas em novos conceitos, em bases nas modernas técnicas de melhoramento, biotecnologia, nanotecnologia, química verde, agricultura de precisão, entre outras, que fundamentem uma agricultura de base ecológica, na sua real expressão, e viabilize uma reconversão produtiva para o maior número possível de estabelecimentos rurais.

O pesquisador, nomeado pela Diretoria Executiva da Embrapa, vai exercer o mandato no período de 2014 a 2016. Ele é doutor em Economia Aplicada: Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – SP. Sua escolha se deu após processo de seleção pública, da qual participaram mais três pesquisadores da Unidade.

O novo gestor começou a trabalhar na Embrapa Semiárido em 1984 por meio de um contrato de prestação de serviços celebrado com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater-PB). O ingresso no quadro de empregados, porém, ocorreu no início de 1990, após aprovação na seleção pública para pesquisadores. São, portanto, quase 30 anos dedicados à instituição no exercício das atividades de Pesquisa e Desenvolvimento e de Transferência de Tecnologia.

Pedro Carlos Gama da Silva
Chefe Geral da Embrapa Semiárido

